



A interjeição em gramáticas brasileiras do século XIX


The Interjection in the 19th Century Brazilian Grammars

Carla Valeria de Souza Faria

Università degli Studi di Trieste

Trieste, Itália

carlavaleria.desouzafaria@units.it

<https://orcid.org/0000-0003-0297-1700> 

Resumo: Historicamente, segundo Leite (2016), o status da interjeição como classe de palavra ou era de rejeição ou de aceitação por parte dos gramáticos. Nessa linha, este trabalho visa descrever o tratamento reservado à interjeição em onze gramáticas brasileiras publicadas no século XIX, digitalizadas e classificadas como “grammaires bresiliénnes” no *Corpus de textes linguistiques fondamentaux* (CTLF), explicitando os critérios utilizados para a sua definição e classificação, e apontando possíveis inovações no tratamento da mesma. Para tanto, realizar-se-á uma análise de tipo analítico-interpretativo, utilizando alguns dos critérios elaborados por Auroux (1988) e citados em Leite (2016, p. 209-210), a saber: morfológico, semântico, funcional, metalinguístico, e suas subdivisões.

Palavras-chave: classe de palavras; interjeição; gramáticas brasileiras; século XIX.

Abstract: Historically, according to Leite (2016), the status of the interjection as a word class was either rejected or accepted by grammarians. This paper aims to describe the treatment of interjection in eleven Brazilian grammars published in the 19th century and included in the *Corpus de textes linguistiques fondamentaux* (CTLF), explaining the criteria used for its definition and classification, and pointing out possible innovations in its treatment. To this end, an analytical-interpretative analysis will be carried out, using some of the criteria drawn up by Auroux (1988) and cited in Leite (2016, p. 209-210): morphological, semantic, functional, metalinguistic, and their subdivisions.

Keywords: word classes; interjection; brazilian grammars; 19th century.

I. Introdução

Em seu estudo sobre partes do discurso/classes de palavras e as ideias sobre a interjeição em gramáticas portuguesas dos séculos XVI, XVIII e XIX, e também em duas gramáticas brasileiras do século XIX, Leite (2016, p. 206) aponta que, historicamente, a postura dos gramáticos em relação ao status da interjeição como uma classe era ou de rejeição, “pela impossibilidade de formal e sintaticamente estabelecerem-se regras descritivas que possam prever seu emprego”, ou de aceitação, “pela definição de seu caráter expressivo”¹.

Nas gramáticas brasileiras do século XIX em análise, veremos que o único gramático a não incluir a interjeição nas classes de palavras como classe autônoma é Julio Ribeiro (1885, p. 62), que justifica a sua decisão citando os “mestres gregos”. Como aponta De Cesare (2019, pp. 17-18 e p. 20), e o próprio Ribeiro (1885, p. 81), serão os gramáticos latinos a introduzir a interjeição entre as partes invariáveis do discurso, já que os gregos não a contemplavam como parte autônoma, mas a incluíam na classe dos advérbios.

Embora normalmente relegada ao último lugar na enumeração das classes de palavras, como se verá na seção 2, a interjeição tem reconhecida a importância do seu estudo.

Banida do districto grammatical, é todavia a interjeição muito para ser estudada – não só por sua importancia sob o ponto de vista philosophico, mas tambem pela vivacidade que ella empresta ao estylo, por sua expressividade inherente e independente. A interjeição é a palavra, a phrase primitiva, a parte fundamental da linguagem: com ella, a phrase actual, de descriptiva torna-se expressiva (Silva Jr. & Andrade 1887, p. 119)².

E na esteira de serem os “primeiros vagidos linguísticos” (*Ibidem*, p. 114), Silva Jr. & Andrade sugerem que a interjeição deva ser a primeira parte tratada numa gramática, mas não o fazem e seguem a tradição.

O objetivo deste trabalho é apresentar o tratamento dispensado à interjeição em gramáticas brasileiras do século XIX (edições e reedições) valendo-se de um *corpus* constituído por onze gramáticas digitalizadas e classificadas como “grammaires bresiliénnes” no *Corpus de textes linguistiques fondamentaux* (CTLF), disponível on line, como se pode ver no Quadro 1. São elas: *Compendio da grammatica da lingua nacional* (1835) de Antonio Alvares Pereira Coruja (1806-1889)³; *Compendio da grammatica portugueza* (1870), de Frederico Ernesto Estrella de Villeroy (? - ?); *Grammatica portugueza* (1871, 2. ed. [1866]), de Francisco Sotero dos Reis (1800-1871)⁴; *Compendio de grammatica da lingua portugueza* (1872, 2. ed. [1867]), de Laurindo José da Silva Rabello (1826-1864)⁵; *Breve compendio de grammatica portugueza* (1876), de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca (1779-1824)⁶; *Compendio da grammatica philosophica da lingua portugueza* (1877, 6. ed. [1829]), de Antonio da Costa Duarte (? - ?)⁷; *Nova grammatica analytica da lingua portugueza* (1881), de Charles Adrien Olivier Grivet (1816-1876);

1 Neste estudo adotaremos o termo ‘classes de palavras’ por ser a denominação mais utilizada na gramática brasileira (Leite 2016, p. 24), sempre que não estivermos reproduzindo a nomenclatura utilizada por cada gramático.

2 Esses autores encontram-se também referenciados em outros estudos como Pacheco & Lameira (Polachini, 2018; Leite, 2016), Pacheco da Silva Junior & Lameira de Andrade (Leite, 2016), e separadamente como Pacheco Junior, Lameira de Andrade (Silva Jr. & Andrade 1887).

3 A indicação das datas de nascimento e morte dos gramáticos é baseada em Polachini (2018, p. 369-390), Cavaliere (2018, p. 10-11) e nas fichas descritivas do CTLF. Se houver divergência entre as fontes, esta será indicada em nota. No caso de Coruja, os autores citados indicam 1889 como ano de seu falecimento, enquanto Dias (2019, p. 76) indica 1891.

4 Segundo Polachini (2018, p. 113), as duas reedições da obra (1871 e 1877) são póstumas.

5 Leite & Pelfrène (2018b) indicam 1867 como o ano da 1ª edição, enquanto Polachini (2018, p. 377) indica 1869. O autor é referenciado também como Rabelo.

6 Compêndio publicado postumamente. A obra teria sido “de fato escrita entre 1817 e 1819” (Polachini, 2018, p. 115 e p. 66). Na ficha descritiva da gramática no CTLF, consta 1825 como o ano do falecimento de Caneca.

7 Há uma ligeira mudança do título na 6ª edição de 1877 em relação à 1ª de 1829 que se chama *Compendio da grammatica portugueza*.

Grammatica portugueza (1885, 2. ed. [1881]), de Julio Cezar Ribeiro Vaughan (1845-1890); *Noções de grammica portugueza* (1887), de Manuel Pacheco da Silva Junior (1843-1900) & Boaventura Placido Lameira de Andrade (? -1899); *Grammatica elementar da lingua portugueza* (1888, 13. ed. [1850])⁸, de Filipe Benicio de Oliveira Condurú (1818-1878) e *Grammatica portugueza practica*, de Adelia Ennes Bandeira (1873-1935?), (1929, 18. ed. [1897])⁹. O que se pretende investigar aqui, com base na pergunta de Leite (2016, p. 200), é se a interjeição é considerada parte do discurso/da oração/classe de palavra nestas gramáticas: em caso afirmativo, que critérios são usados para a sua classificação; em caso negativo, por que motivo; tudo isso numa ótica de pesquisa analítico-interpretativa.

Do Quadro 1, não contemplamos neste estudo a obra *Rascunhos sobre a grammica da lingua portugueza* de Baptista Caetano (1881) por discorrer unicamente sobre colocação pronominal. As gramáticas são elencadas e tratadas aqui seguindo a data de publicação catalogada no site do CTLF.

Quadro 1: Textos classificados como “grammaires brésiliennes” no CTLF

Coruja, Antonio Alvares Pereira	Compendio da Grammatica	1835	Grammaires brésiliennes
Villeroy, Frederico	Compendio da grammica portugueza	1870	Grammaires brésiliennes
Villeroy, Frederico	Duas palavras. Ao Leitor.	1870	Grammaires brésiliennes
Reis, Francisco Sotero dos	Grammatica portugueza	1871	Grammaires brésiliennes
Reis, Francisco Sotero dos	Prolegomenos	1871	Grammaires brésiliennes
Reis, Francisco Sotero dos	Ao público	1871	Grammaires brésiliennes
Rabello, Laurindo José da Silva	Compêndio de grammica	1872	Grammaires brésiliennes
Caneca, Frei	Breve Compendio de Grammatica Portugueza	1876	Grammaires brésiliennes
Duarte, Antonio da Costa	Compendio da grammica philosophica	1877	Grammaires brésiliennes
Duarte, Antonio da Costa	Introdução	1877	Grammaires brésiliennes
Caetano, Baptista	Rascunhos sobre a grammica da lingua portugueza	1881	Grammaires brésiliennes
Grivet, Charles Adrien Olivier	Nova Grammatica Analytica	1881	Grammaires brésiliennes
Grivet, Charles Adrien Olivier	Algumas palavras sobre o Professor Grivet	1881	Grammaires brésiliennes
Grivet, Charles Adrien Olivier	Relatorio de Conselheiro Dr. Francisco Octaviano de Almeida	1881	Grammaires brésiliennes
Grivet, Charles Adrien Olivier	Prefacio	1881	Grammaires brésiliennes
Lefèvre, André	[Carta do Sr. Lefèvre]	1882	Grammaires brésiliennes
Ribeiro, Júlio	Grammatica portugueza	1885	Grammaires brésiliennes
Ribeiro, Júlio	Prefacio	1855 ¹⁰	Grammaires brésiliennes
Ribeiro, Júlio	Annexos	1885	Grammaires brésiliennes
Silva Junior, Manuel Pacheco da (...)	Noções de Grammatica Portugueza	1887	Grammaires brésiliennes
Condurú, Filipe Benicio de Oliveira	Grammatica elementar	1888	Grammaires brésiliennes
Condurú, Filipe Benicio de Oliveira	Introdução	1888	Grammaires brésiliennes
Bandeira, Adelia Ennes	Grammatica portugueza pratica	1929	Grammaires brésiliennes
Bandeira, Adelia Ennes	Prefacio da 1ª edição	1929 ¹¹	Grammaires brésiliennes

Fonte: Elaboração própria a partir do quadro geral do CTLF¹²

[Descrição] O quadro está dividido em quatro colunas e 24 linhas. Na primeira coluna estão os nomes dos autores, na segunda estão os títulos abreviados dos textos, na terceira está o ano de publicação de cada texto e na quarta está a seção na qual os textos foram classificados, isto é, “grammaires brésiliennes” [Fim da descrição].

8 Quanto à 1. edição, Cavaliere (2018, p. 17 e p. 28) indica o ano de 1840, contrariamente a Polachini (2018, p. 113) que, baseada em Nogueira (2009), indica 1850, assim como Leite & Pelfrène (2018b, p. 2).

9 Para o nome completo das gramáticas com os seus subtítulos, consultar as referências ao final do trabalho.

10 Embora o “Prefacio” de Júlio Ribeiro encontre-se catalogado no site como de 1855, da sua leitura depreende-se que o mesmo é datado “Capivary, 30 de Dezembro de 1884” (p. III) e faz referência à segunda edição da obra (1885).

11 O “Prefacio da 1. edição” é de 1897 e não de 1929, ano da 18. edição da obra.

12 O quadro foi elaborado a partir dos 442 textos elencados no site do CTLF, http://ctlf.ens-lyon.fr/t_accueil.htm, selecionando somente as obras classificadas como ‘grammaires brésiliennes’. Cabe assinalar que na página indicada aparece a seguinte advertência: “Dernière mise à jour des données en 2020. Suite à l’arrêt définitif du serveur Windows, et des technologies associées (base Access, scripts ASP), il n’est plus possible d’interroger les données du CTLF à l’aide de formulaires. L’accès aux notices, à la bibliographie, aux fac-similés et aux textes passe désormais par des pages statiques (HTML)”.

Antes de passarmos ao status da interjeição com suas ocorrências e distribuição nas gramáticas em análise (seção 3), às suas definições (seção 4) e às suas classificações (seção 5), cabe um olhar sobre o seu status e a sua posição entre as outras classes de palavras. Para tanto, inspirados em Cavaliere (2018, p. 18), elaborou-se um quadro das classes de palavras consideradas por cada gramático e, em seguida, uma lista com a ordem de apresentação das classes em cada gramática.

2. Classes de palavras em gramáticas brasileiras do século XIX

As gramáticas selecionadas para exame oscilam entre uma classificação que vai de cinco/seis (Duarte) a sete (Condurú), oito (Reis, Ribeiro, Silva Jr. & Andrade, Bandeira), nove (Coruja, Frei Caneca) ou dez (Villeroy, Rabello, Grivet) classes de palavras, como ilustrado no Quadro 2.

Quadro 2: Classes de palavras em 11 gramáticas brasileiras do século XIX¹³

	Art	Nome ou Subst	Nome		Adj	Pro	V	Part	Adv	Prep	Conj	Interj	Total
			S	A									
1. Coruja	√	N				√	√	√	√	√	√	√	9
2. Villeroy	√	N			√	√	√	√	√	√	√	√	10
3. Reis		N			√	√	√		√	√	√	√	8
4. Rabello	√	S			√	√	√	√	√	√	√	√	10
5. Caneca	√	N				√	√	√	√	√	√	√	9
6. Duarte			√	√			√			√	√	(√)	5(6)
7. Grivet	√	S			√	√	√	√	√	√	√	√	10
8. Ribeiro	√	S			√	√	√		√	√	√		8
9. Silva Jr. & Andrade		S			√	√	√		√	√	√	√	8
10. Condurú		S			√		√		√	√	√	√	7
11. Bandeira		S			√	√	√		√	√	√	√	8

Fonte: Elaboração própria a partir das gramáticas

[Descrição do quadro] O quadro está dividido em treze linhas e treze colunas. Na primeira linha estão nomeadas as classes de palavras abreviadas: artigo, nome ou substantivo, nome substantivo e nome adjetivo, pronome, verbo, participio, advérbio, preposição, conjunção, interjeição. Na primeira coluna estão listados e numerados de 1 a 11 os sobrenomes dos gramáticos. Na última coluna está o número total das classes nomeadas em cada gramática [Fim da descrição].

Dentre as classes de palavras evidenciadas no Quadro 2, somente quatro são contempladas em todas as gramáticas. São elas: o substantivo (nome ou nome substantivo), o verbo, a preposição e a conjunção.

A ordem de apresentação das classes, porém, diverge nas gramáticas. Como podemos observar na lista abaixo, alguns gramáticos iniciam pelo artigo (Coruja e Frei Caneca), outros pelo nome substantivo (Duarte), nome (Villeroy e Reis) ou substantivo (Rabello, Ribeiro, Silva Jr. & Andrade, Condurú e Bandeira) e um pelo verbo (Grivet).

1. Coruja 1835: artigo, nome, pronome, verbo, participio, advérbio, conjunção, preposição, interjeição¹⁴;
2. Villeroy 1870: nome, artigo, adjetivo, pronome, verbo, participio, preposição, advérbio, con-

¹³ Embora estejamos analisando a 18. edição da gramática de Bandeira (1929), esta tem a sua 1. edição em 1896, daí acharmos pertinente a sua inclusão no corpus.

- juncção, interjeição;
3. Reis 1871 [1866]: nome, pronome, adjetivo, verbo, conjuncção, preposição, adverbio, interjeição;
 4. Rabello 1872 [1867]: substantivo, artigo, adjetivo, pronome, participios, verbo, adverbio, conjuncção, interjeição, preposição;
 5. Frei Caneca 1876: artigo, nome, pronome, verbo, participio, adverbio, preposição, conjuncção, interjeição¹⁵;
 6. Duarte 1877 [1829]: nome substantivo, nome adjetivo, verbo, preposição, conjuncção, e a *intrejeição* [sic] (“que não é Parte Elementar”);
 7. Grivet 1881: verbo, substantivo, artigo, adjetivo, pronome, participio, preposição, adverbio, conjuncção, interjeição;
 8. Ribeiro 1885 [1881]: substantivo, artigo, adjetivo, pronome, verbo, adverbio, preposição, conjuncção;
 9. Silva Jr. & Andrade 1887: substantivo, adjetivo, pronome, verbo, adverbio, preposição, conjuncção, interjeição;
 10. Condurú 1888 [1850]: substantivo, adjetivo, verbo, preposição, adverbio, conjuncção, interjeição;
 11. Bandeira 1929 [1896]: substantivo, adjetivo, pronome, verbo, adverbio, preposição, conjuncção, interjeição.

A interjeição, quando reconhecida como parte da oração, parte do discurso ou classe de palavra, normalmente ocupa a última posição da lista, com duas exceções: a gramática de Rabello (1872), que trata da preposição como último elemento, e a de Bandeira (1929), que trata da conjuncção. Ao enumerar as classes de palavras na “Taxinomia”, Bandeira (1929, p. 27), porém, põe a interjeição como última classe, mas na divisão interna da gramática, trata da interjeição (*Ibidem*, p. 38) antes da conjuncção (*Ibidem*, p. 38-39).

Dentre os gramáticos, Rabello (1872) é o único a não antecipar a quantidade de classes no texto; depreende-se que são dez em função das seções dedicadas a cada uma delas no decorrer da obra. Já Duarte (1877, p. 26), em relação ao status da interjeição, inicialmente não a põe entre as cinco “Partes elementares da oração”, mas a indica posteriormente como “parte não elementar” na nota (2)^[9]¹⁶, chegando então a seis “classes de palavras”; daí a indicação “5(6)” no Quadro 2. E para Ribeiro (1885, p. 62), como já acenado na Introdução, a interjeição, “grito involuntário, instintivo, animal, não representa idéia, **não constitui parte do discurso**, é mais som do que palavra” (grifo nosso). Embora não a considere uma classe de palavra autônoma, o gramático a apresenta e descreve.

Cabe um aceno à terminologia utilizada nas gramáticas. Do ponto de vista terminológico, em relação à divisão em classes de palavras, encontramos os termos “parte(s) da oração” em Coruja, Reis, Frei Caneca, Duarte e Condurú; “parte(s) do discurso” em Ribeiro e Silva Jr. & Andrade; e “classes de palavras” em Duarte.

A propósito do termo “classes de palavra”, o menos utilizado em nossos dados, Leite (2016, p. 204) comenta a adesão da gramática brasileira a essa terminologia - denominação mais utilizada contemporaneamente - e supõe que essa adesão, e não à “parte do discurso”, se deva ao “método aristotélico utilizado para investigar o objeto por categorias e propriedades, dividindo-os em classes e essas em gêneros e espécies”.

14 Em Polachini (2018, p. 206-207), o “Quadro 35” apresenta uma ordem diferente das classes de palavras da edição de 1835, ou seja, “preposição, advérbio, conjuncção, interjeição”. Neste trabalho, manteremos a ortografia original das obras mencionadas.

15 Embora reconheça a interjeição como uma das nove “partes da oração”, Frei Caneca a trata na “Lição IX Das conjunções e interjeições”.

16 Quando no corpo do texto aparecerem referências a notas deste tipo (2)[9] ou [82], significa que o número indicado entre parênteses, ou não, se refere à numeração das notas feitas pelo autor; o número entre colchetes sobrescritos refere-se à numeração contínua das notas dada pelos editores.

Em nosso caso, os termos “espécies” ou “espécies de palavras” para se referir também a classes de palavras aparecem em Villeroy (“Ha na língua dez especies de palavras”), Frei Caneca (“a grammatica é fundada em nove especies de palavras”), Duarte (“Estas diferentes especies de palavras tem sim logar”), Grivet (“as palavras se dividem em dez especies”, “Destas dez especies de palavras”) e Silva Jr. & Andrade (“O portuguez classifica as suas palavras, [...], em oito especies”). Grivet é o único a só utilizar o termo “especies de palavras”. Condurú e Silva Jr. & Andrade também utilizam o termo “classes” e Ribeiro utiliza “grupos ou categorias” (“Dividem-se as palavras em oito grupos ou categorias, [...]”). Estes oito grupos arranjam-se entre si [...]).

3. O status da interjeição: ocorrências e distribuição do termo nas gramáticas

3.1. Macrodivisão interna das gramáticas

Para auxiliar na leitura das descrições da interjeição nas gramáticas em 3.2, segue um quadro com as macrodivisões internas de cada autor.

Quadro 3: Macrodivisão interna das gramáticas

Coruja 1835	Etymologia, Syntaxe, Prosodia, e Orthographia
Villeroy 1870	Etymologia, Syntaxe, Prosodia e Orthographia
Reis 1871 [1866]	Etymologia, Syntaxe, Prosodia e Orthographia
Rabello 1872 [1867]	Palavras variaveis. Do substantivo., Parte segunda Da syntaxe., Parte terceira Da prosodia. e Parte quarta. Da orthographia.
Frei Caneca 1876	Etymologia, Orthographia, Prosodia e Syntaxe
Duarte 1877 [1829]	Orthoepia, Orthographia, Etymologia, e Syntaxe
Grivet 1881	Lexicologia, syntaxe, orthographia, prosódia e pontuação
Ribeiro 1885 [1881]	Lexeologia (phonologia: <i>phonetica, prosodia e orthographia</i> ; e morphologia: <i>taxeonomia, kampenomia ou ptoseonomia e etymologia</i>) e Syntaxe
Silva Jr. & Andrade 1887	Lexycologia (phonologia: <i>phonetica, prosodia e orthographia</i> ; morphologia ou estudo das fôrmas e semiologia ou estudo do sentido das palavras e da sua variedade) e Syntaxe (<i>gramatical e litteraria</i>)
Condurú 1888 [1850]	Etymologia, Prosodia, Orthographia e Syntaxe
Bandeira 1929 [1897]	Morphologia ou lexicologia (<i>phonologia, taxinomia, campenomia e etymologia</i>) e Syntaxe

Fonte: Elaboração própria a partir das gramáticas

O Quadro 3 permite-nos ver as mudanças implementadas na macrodivisão das gramáticas: os sete gramáticos que dividem a própria obra em quatro partes têm a sua primeira edição antes de 1880. São eles: Coruja, Villeroy, Reis, Rabello, Caneca, Duarte e Condurú. Os outros quatro, Grivet, Ribeiro, Silva Jr. & Andrade e Bandeira, têm a primeira edição após 1880 e, exceção feita a Grivet, dividem a obra em duas partes. Vejamos.

As quatro primeiras gramáticas apresentam a mesma divisão e ordem: *etymologia, syntaxe, prosodia, orthographia*. Na de Rabello (1872 [1867]), diferentemente das anteriores, não há “Proemio” ou “Prolegomenos” em que se indica a divisão das partes, mas depreende-se na leitura da obra que são quatro. A obra de fato se inicia à página oito com o título “Palavras variaveis.” e subtítulo “Do Substantivo.”, depois prossegue com a divisão indicada no Quadro 3: *Parte segunda Da syntaxe., Parte terceira Da prosodia e Parte quarta. Da orthographia*.

Frei Caneca (1876) mantém a mesma nomenclatura, mas modifica a sua ordem de apresentação: *etymologia, orthographia, prosodia, syntaxe*.

Duarte (1877 [1829]) utiliza o termo *orthoepia* no lugar de *prosodia*, e também distribui as partes numa ordem diferente: *orthoepia, orthographia, etymologia, syntaxe*.

A partir de Grivet (1881), encontramos algumas modificações em relação à quantidade da divisão interna e novidades na terminologia: o gramático substitui *etymologia* por *lexicologia* e introduz *pontuação*, dividindo a gramática em cinco partes. Talvez, no paratexto da obra, “Algumas palavras sobre o professor Grivet”, esteja a chave para a compreensão dessa divisão em cinco partes e não em duas como nas outras três obras com edição após 1880: esta é uma publicação póstuma, pois Grivet falece em 1876, dois anos após a conclusão da obra em 1874. Além disso, Grivet já tinha publicado em 1865 “uma pequena grammatica, que foi a precursora de outra de maiores proporções, na qual, depois, elle proprio reconheceu alguns defeitos que tratou de corrigir” (Grivet, 1881, p.VII).

As gramáticas com primeira edição a partir de 1880, como as de Ribeiro (1881), Silva Jr. & Andrade (1887) e Bandeira (1897), passam a ter duas macrodivisões (“lexeologia”/“lexicologia” ou “morfologia” e “sintaxe”, depois subdivididas em novas partes com novas nomenclaturas) e não mais as quatro tradicionais das gramáticas anteriores¹⁷.

Poderia parecer estranha a divisão em quatro partes de Condurú (1888) em meio a essas novidades, mas sendo esta gramática a décima terceira edição (póstuma) da obra originalmente publicada em 1850, é provável que não tenha sido atualizada, daí a semelhança com as cinco primeiras do Quadro 3.

Na próxima subseção, computaremos a frequência de ocorrência da raiz “interj-” (e de suas variações ortográficas) e veremos onde esta se posiciona nas gramáticas.

3.2 As ocorrências da raiz “interj-” (“inteij-” e “intrej-”) e sua posição no interior das gramáticas

Um levantamento das ocorrências de “interj-” e de suas variações ortográficas, “inteij-” e “intrej-”, no interior das gramáticas pode-nos fornecer indicações do espaço dedicado à descrição e análise da interjeição em relação às outras classes de palavras. O levantamento e controle das ocorrências foi realizado com a ferramenta de busca dos programas Adobe, Microsoft Word e AntConc, e com a leitura dos textos.

O Quadro 4 mostra-nos que as gramáticas que parecem dedicar um maior espaço à discussão da interjeição, em termos de ocorrências, são: Silva Jr. & Andrade (1887) com trinta e uma (trinta e duas) ocorrências totais, Ribeiro (1885)¹⁸ com vinte e cinco (vinte e seis), Grivet (1881) com vinte e quatro, e Duarte com quinze (dezesseis). À exceção de Coruja (1839) que conta somente cinco ocorrências, há um certo equilíbrio entre as outras gramáticas com de sete a nove. O número entre parênteses indica o total de ocorrências em cada obra, assinalando, porém, que engloba um erro ortográfico em Duarte (intrejeição) e em Reis e Ribeiro (inteijeições), e uma *distração* terminológica em Silva Jr. & Andrade que escrevem “conjunção” em vez de “interjeição”.

Quadro 4: Ocorrências de *interj-*, *inteij-* e *intrej-* nas gramáticas

	Coruj	Viller	Reis	Rab	Can	Duart	Griv	Rib	Silv &	Cond	Band
	1835	1870	1871	1872	1876	1877	1881	1885	1887	1888	1929
interjeição	4	6	6	5	4	6	10	16	12	6	7
interjeições	1	1		1	5	9	13	5		2	1
interjectiva		1	1	1				1			1
interjectivas							1	1	4		
interjectivo									1		
interjectivamente								1			

17 Essa descontinuidade paradigmática é explicada por Cavaliere (2018, p. 11) “pela introdução do modelo evolucionista” na gramaticografia brasileira.

18 Ribeiro (1885), mesmo não reconhecendo a interjeição como uma classe autônoma, dedica grande espaço ao seu tratamento.

<i>interjectio</i>									I		
<i>interjicere</i>			I						I		
<i>interjeccionaes</i>								I			
*intrejeição						(I)					
*inteijeições			(I)					(I)			
Total	5	8	8(9)	7	9	15(16)	24	25(26)		8	9

Fonte: Elaboração própria a partir das gramáticas

O Quadro 4 contempla onze palavras, nove em português e duas em latim, que funcionam como substantivo, adjetivo, advérbio e verbo, e se distribuem no interior das gramáticas em suas macro e subdivisões.

Coruja (1835, p. 4)¹⁹ nomeia pela primeira vez a palavra “interjeição” como uma das nove “partes” que constituem a oração no *Proemio*. Ao dividir a *Grammatica* em quatro partes: *Etymologia*, *Syntaxe*, *Prosodia*, e *Orthographia*, define e classifica a interjeição (*Ibidem*, p. 44) - assim como todas as outras classes - na *Parte primeira. Da Etymologia*. por ser esta “a parte, que ensina a natureza das palavras, e suas propriedades” (*Ibidem*, p. 3). A palavra “interjeição” aparecerá quatro vezes na obra: uma no *Proemio*, duas em *Da Etymologia* (no título *Interjeição*. e na definição) e uma na *Parte 2.ª Da Syntaxe* seção *Syntaxe figurada., Observações necessarias aos principiantes para facilidade da regencia.*: “3.ª A cousa, ou pessoa, com quem se falla, de ordinario é precedida da interjeição O” (*Ibidem*, p. 55), e o plural “interjeições”, uma vez.

Também Villeroy (1870, p. 5) mantém a divisão da *Grammatica Portugueza* em quatro partes, como Coruja (1835): *Etymologia*, *Syntaxe*, *Prosodia* e *Orthographia*, e as duas primeiras ocorrências, das seis, de “interjeição” estão na *Primeira parte. Da etymologia. Capítulo I. Das differentes especies de palavras.*, quando elenca as “dez especies de palavras” na língua portuguesa (*Ibidem*, p. 7) e depois quando a define exemplificando (*Ibidem*, p. 8). No *Capítulo II. Subdivisões das dez especies de palavras.*, § X. *Da interjeição.*, apresenta as principais interjeições e acena à locução interjectiva como “a reunião de palavras fazendo o officio de uma interjeição; como: *Quem dera! Pois seja! Ainda bem!*” (*Ibidem*, p. 57). Todas as ocorrências estão no capítulo dedicado à etimologia sendo que a sexta ocorrência aparece na nota que encerra a classificação das principais interjeições (*Ibidem*, p. 57): “Qualquer palavra, á excepção do art. e do pronome, pode ser empregada como interjeição, conforme se acaba de ver”. Em Villeroy, não há qualquer menção à interjeição fora da etimologia.

Na gramática de Reis (1871), encontramos nos *Prolegomenos*. a mesma divisão de gramática presente nos gramáticos anteriores: *Etymologia*, *Syntaxe*, *Prosodia* e *Orthographia*, e a palavra “interjeição”, que ocorre uma vez, é colocada no grupo das palavras invariáveis com “a conjuncção, a preposição, o advérbio” (Reiss, 1871, p. IX) que, juntamente com as variáveis, são as oito “partes da oração”. A interjeição também é tratada em *Etymologia.*, na seção a ela dedicada *Interjeição.* (*Ibidem*, pp. 166-168), na qual a define e exemplifica. Nesta, há cinco ocorrências do termo, sendo que um grafado no plural incorretamente “inteijeições”. Das gramáticas aqui analisadas, Reis é o único gramático a mencionar a sua origem etimológica no corpo do texto: “Vem do verbo latino, *interjicere*, que quer dizer, *metter de permeio*, e se entremette na phrase, como se vê em, ‘*Quanto, ah! quanto é bella!*’ (1871, p. 167). Silva Jr. & Andrade (1887, p. 115) também mencionarão a etimologia, mas em nota à palavra “atirada”: “é uma voz intercalada na phrase, *atirada* I^[82] na proposição [...]”²⁰; na nota mencionada: “Lat *interjectio*, de *interjicere* = jogar, atirar, etc”. Como Villeroy (1870), Reis (1871, p. 168) introduz e

19 Para as fichas descritivas das obras de Coruja (1835), Duarte (1859), Ribeiro (1885), Silva Jr. & Andrade (1887) - referenciados como Pacheco & Lameira, e Condurú (1888), consultar Polachini 2018, p. 393-450.

20 Ver nota 16.

define a locução interjectiva: “Quando a interjeição é composta, como, *ai de mim*, *ora sus*, chama-se, *locução interjectiva*”.

Em Rabello (1872, pp. 128-129), a interjeição aparece definida e exemplificada na subseção *Da interjeição*. como “palavra invariável”, após o advérbio e a conjunção, e antes da preposição, todas classificadas em suas definições como palavras invariáveis. A gramática, embora apresente uma seção intitulada *Palavras variáveis*., não apresenta uma que englobe as invariáveis citadas. O termo “interjeição” aparece cinco vezes no texto: quatro em *Da interjeição*. e uma na *Parte segunda Da syntaxe*. na seção *Substantivo vocativo*. para indicar que este pode ser reconhecido pela presença na oração da interjeição “ó” antes de si (1872, p. 137). O plural “interjeições” ocorre uma única vez e o termo “locução interjectiva” também quando se refere à “interjeição que contem mais de uma palavra” (*Ibidem*, p. 129). Analisando o material digitalizado, nota-se que a gramática tem uma *Parte segunda. Da syntaxe*, uma *Parte terceira. Da prosodia* e uma *Parte quarta. Da orthographia*, mas não se vê uma “Parte primeira” denominada “etimologia” ou algo parecido. Como já mencionado em 3.1, a obra tem início à página oito com o título “Palavras variáveis.” e subtítulo “Do Substantivo.”.

Frei Caneca (1876) apresenta a interjeição já em *Ideas geraes de grammatica ou Origem das partes della* quando, após elencar e indicar as funções das “partes da oração”, escreve: “Emfim, depois de terem provido de meios sufficientes para designar a natureza, a especie, o numero, os attributos, a influencia, a existência, as relações e as diferentes modificações das cousas, se inventaram outras palavras para exprimir os movimento subitos d’alma” (1876, p. 26). Reconhece na *Introducção* a interjeição como uma das nove partes da oração (*Ibidem*, p. 27), e na divisão da *Grammatica portugueza* estabelece as mesmas quatro partes dos gramáticos anteriores, mas, à diferença destes, modifica a ordem: *etymologia*, *orthographia*, *prosodia* e *syntaxe*. Frei Caneca divide a *Parte primeira Etymologia* em “lições”, e a *Lição IX Das conjuncções e interjeições* trata desta “parte da oração” (1876, p. 49), na qual retoma a definição “*Interjeição é uma palavra, que significa os movimentos subitos d’alma*” e apresenta as “dezeseis classes” de interjeições (*Ibidem*, p. 49). O termo (também flexionado) aparecerá nove vezes no texto: duas em *Ideas geraes* (interjeições), duas na *Introducção* (interjeição), e cinco na *Lição IX* (três “interjeições” e duas “interjeição”).

Duarte (1877, p. 9), em sua gramática, mantém a divisão em quatro partes, mas substitui o termo “prosódia” por “ortoepia”, e apresenta uma ordem diferente das demais: *Orthoepia*, *Orthographia*, *Etymologia*, e *Syntaxe*. As duas primeiras menções à palavra interjeição estão no *Capitulo I. Da ortoepia*. : uma na nota (4)^[4] do § II. *Dos dithongos e das syllabas*. (Duarte, 1877, p. 13) e uma no § III. *Dos signaes da escriptura que regulão a boa leitura dos vocabulos*, “O *h* só em algumas interjeições é *accento* indicativo de aspiração, isto é, de que a vogal se deve pronunciar com grande *affluencia* de ar, para mostrar o desabafo das paixões, como: *Ah! Oh! &c.*” (1877, p. 17). No *Capitulo II. Da etymologia*. § I. *Das partes elementares da oração, e do discurso*., Duarte aponta as cinco “*Partes elementares da oração*, a saber: Nome Substantivo, Nome Adjectivo, Verbo, Preposição, Conjunção” e diz que “a intrejeição [sic] não é *Parte elementar*, porque ella per si só equivale a uma oração, e ás vezes a muitas (2)^[9]. *Discurso* é um composto de proposições, e porisso ellas são os seus elementos” (*Ibidem*, p. 26). Na referente nota (2)^[9], porém, afirma que “com a *Interjeição* vem a ser seis as classes das palavras, que podem entrar no discurso”. No § XXI. *Das interjeições*., define a interjeição e a exemplifica “com os *affectos* que exprimem” (*Ibidem*, p. 101). O termo aparecerá novamente no § IV. *Da regencia regular. em Vocativo*. “O vocativo dá-se a conhecer por estar entre pausas, ou só, ou com a interjeição vocativa *O*”, e no *Capitulo IV. Da Orthographia da Lingua Portugueza*. três vezes em § II. *Regras proprias da Orthographia Etymologica, e da Usual*. quando discorre sobre o uso do *h*: “fóra das interjeições o *H* não tem valor algum entre nós [...]” (*Ibidem*, p. 135), “usa-se do *H* nas interjeições, porque estas vozes são aspiradas, como : *Ah! Oh! &c.*” (p. 136), mas mais à frente afirma que este “não é de absoluta nesiedade” (*Ibidem*, p. 141). Na obra, a raiz “interj-” aparece quinze vezes e “intrej-”, uma, na palavra “intrejeição”.

Grivet (1881) divide a *Grammatica* em cinco partes: *lexicologia*, *syntaxe*, *orthographia*, *prosódia* e *pontuação*; substitui “etimologia” por “lexicologia” e acrescenta a “pontuação” como parte inde-

pendente. A palavra interjeição aparece na *Primeira parte Lexicologia*, na seção *Divisão das palavras*, como uma das “dez espécies” em que se dividem as palavras (Grivet, 1881, p. 3), definida como “uma palavra que implicitamente abrange todos os elementos de uma proposição ou pensamento” (1881, p. 4). No *Capítulo IV Do adjectivo* em *Observações sobre os adjectivos determinativos*, Grivet afirma que “qual” “E” interjeição, o conseqüentemente invariavel, quando, não se referindo a nada, prorompe no discurso como expressão de despeito. Ex. Não ha dia que a morte não nos advirta; mas, qual! nada nos póde demover de contar com o porvir” (1881, p. 135-136). No *Capítulo VIII Do adverbio*, em *Observações sobre os adverbios*, estabelece uma diferença entre “sim” e “não” advérbios e interjeições: “só são adverbios quando actuão directamente sobre um verbo, participio, adjectivo ou outro adverbio” (*Ibidem*, p. 193); “Apparecendo, porém, soltos, SIM e NÃO são interjeições” (*Ibidem*, p. 194). No *Capítulo X Da interjeição*, retoma a definição já mencionada acrescentando o adjectivo “invariável” à “palavra”, e afirmando que “As mais perfeitas interjeições por sua significação categorica são SIM e NÃO, quando representando por si sós um pensamento, servem de resposta peremptória a uma interrogação” (*Ibidem*, p. 208-209). Classifica as interjeições em próprias ou impróprias (Grivet, 1881, pp. 209-210), e introduz a noção de locução interjectiva: “Porém, vindo as interjeições a constar de mais do uma palavra, póde-se-lhes chamar, em attenção á uniformidade da nomenclatura analytica, LOCUÇÕES INTERJECTIVAS” (1881, p. 210).

Grivet também vai tratar da interjeição na *Segunda parte Syntaxe*, ao atribuir uma função para cada classe de palavra, mas deixá-la de fora do que chama “sete termos” e enquadrá-la como figura: “Emfim, fóra dos sete termos, a INTERJEIÇÃO fornece a exclamação, isto é, a ultima das cinco figuras de syntaxe [...]” (1881, p. 223) porque as “interjeições, que, por pertencerem á linguagem figurada, se avalião do um modo todo especial” (*Ibidem*, p. 222). Ao tratar da exclamação, que define como uma proposição implícita em seu sentido estrito, no *Capítulo II Das figuras de syntaxe*, Grivet diz:

A este caracter, de que SIM e NÃO são os typos nas respostas peremptorias, e AH ! OH ! nas mais variadas expressões do um sentimento vivo, é que devem as interjeições de ser contempladas em syntaxe como figuras. E tanto o são, que AH ! e OH ! por exemplo, só têm um sentido apreciavel, na falla, pela intoação com que se soltão ; e na escripta, por uma ou mais proposições subseqüentes que lhes servem de commentarios (1881, p. 289).

Na seção *Da analyse syntaxica*, em que define a análise sintática como “classificação das mesmas palavras pelas suas funções” em contraposição à análise lexicológica que é “a classificação das palavras pelas suas espécies” (Grivet, 1881, p. 489), afirma que “as interjeições, quer proprias, quer improprias, são designadas pelo nome da figura de syntaxe a que pertencem (EXCLAMAÇÃO)” (1881, p. 490). Por fim, o termo interjeição também aparece na *TI-Quarta parte Prosódia* em *Da tonicidade nas palavras* e na *Quinta parte Pontuação* em *Dos quatro sinaes accessorios de pontuação*. Em *Da tónica*, afirma que a tónica é imprescindível nas interjeições porque “por concentrarem em si um pensamento, reclamão geralmente uma enunciação energica” (*Ibidem*, p. 527), e em *Do ponto exclamativo*, “O ponto exclamativo é o signal concomitante, não só das interjeições violentas, Senão tambem das expressões apaixonadas; [...]!” (*Ibidem*, p. 618). A raiz “interj-” aparece vinte e quatro vezes na obra com dezesseis ocorrências na *Primeira parte Lexicologia* e oito na *Segunda parte Syntaxe*.

Ribeiro (1885, p. 2), na *Introdução da Grammatica portugueza*, divide a gramática em duas partes: *lexeologia*, que se compõem de *phonologia* (*phonetica*, *prosodia* e *orthographia*) e *morphologia* (*taxeonomia*, *kampenomia* ou *ptoseonomia* e *etymologia*), e *syntaxe*. No *Livro primeiro Elementos materiaes das palavras*, da *Lexeologia*, *Secção terceira Orthographia*, acena para o uso do *h* nas interjeições *ah*, *ih*, *oh*, (Ribeiro, 1885, pp. 32-41), mas é no *Livro segundo Elementos morphicos das palavras* na *Secção primeira Taxeonomia* que vai definir o termo e explicar porque não é classe de palavra. Para Ribeiro a interjeição “grito involuntário, instinctivo, animal, não representa idéia, não constitui parte do discurso, é mais som do que palavra” (1885, p. 62), “é um som articulado que exprime um affecto subito, ou que imita um som inarticulado” e, portanto, não entra nas oito “categorias de palavras” por ele estabelecidas, concordando com a opinião dos mestres gregos de que “a interjeição não representa idéia,

não envolve noção; é articulação instintiva, é grito animal, não é palavra” (*Ibidem*, p. 81). Classifica as interjeições de acordo com os sentimentos que exprimem (*Ibidem*, p. 81-82), acena à existência de “interjeições onomatopaicas, isto é, que imitam ruídos, ex.: ‘Zaz! — truz!’” (Ribeiro, 1885, p. 82), e também à variação existente entre Portugal e Brasil em relação a “uma interjeição de dúvida muito usada em Portugal e quasi desconhecida no Brasil” (1885, p. 82), cujo tom com que se pronuncia é especial, e introduz a noção de locução interjectiva como “qualquer reunião de palavras empregada exclamativamente, ex.: ‘Pobre de mim! — Que gosto!’” (*Ibidem*, p. 82). Na Seccção terceira *Etymologia* em *IX Interjeição*, Ribeiro afirma que “As verdadeiras interjeições são sempre as mesmas em todas as linguas” e que algumas exclamações como “coragem, eia sus” não são interjeições, embora empregadas interjectivamente (Ribeiro, 1885, p. 208). No *Livro terceiro Regras da syntaxe* em *X Interjeição*, Ribeiro recorda que não há nada a dizer sobre a interjeição do ponto de vista sintático porque “como brado instintivo que é, não se subordina a regras de syntaxe” (1885, p. 315) e do ponto de vista da pontuação, às interjeições em geral segue o “ponto de admiração” (1885, p. 320). Na obra há um total de vinte e cinco ocorrências de “interj-” e uma de “inteijeções”, sendo que vinte e uma se concentram na *Parte primeira Lexeologia* e as restantes na *Parte segunda Syntaxe*.

Silva Jr. & Andrade (1887, p. 7), como Ribeiro (1885), dividem a *Grammatica Portugueza* em duas partes: *lexycologia* e *syntaxe*. A *lexycologia* por sua vez se subdivide em *phonologia* (*phonetica*, *prosodia* e *orthographia*), *morphologia* e *semiologia*, e a *syntaxe* se divide em *gramatical* e *litteraria*. Incluem a interjeição nas “oito especies” de palavras, “si a não considerarmos fórma rudimentar, instintiva, não exprimindo – como as outras palavras – idéas, ou relações” (1887, p. 75). A gramática está dividida em “Lições” e os autores discorrem sobre a interjeição na *Decima segunda lição Classificação das palavras. – Das palavras invariaveis*, especificamente em 4.º – *Interjeição*, e, baseando-se em W. Smith (manual), acenam ao fato de os “physiologistas grammaticaes” diferirem quanto à ordem de sucessão das “partes do discurso”, mas de concordarem todos quanto à interjeição: “no genesis da linguagem a interjeição, e as palavras onomatopaicas devem ser consideradas os primeiros vagidos linguisticos” (Silva Jr & Andrade, 1887, pp. 114-115). Portanto, segundo Silva Jr. & Andrade, “no esboço historico do desenvolvimento genetico das partes da oração, devia-se pois naturalmente começar pela interjeição” (1887, p. 115). Apesar dessa afirmação, Silva Jr. & Andrade mantêm-se fiel à tradição e tratam da interjeição como última parte do discurso, diferentemente do que fez Jerônimo Soares Barbosa em sua *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* de 1822 ao colocar, como primeiro, o capítulo da interjeição (Leite, 2016, p. 220). Classificam as interjeições quanto à origem ou natureza em “*instintivas* ou primitivas, onomatopicas, convencionaes ou derivadas”, com explicações e exemplos (*Ibidem*, pp. 116-117), e também sob o ponto de vista do sentido, listando nove classes (*Ibidem*, p. 118). Estabelecem ainda uma diferença entre interjeições e onomatopeias: estas indicam percepções e são convencionais, aquelas indicam sensações e são espontâneas. Ao tratarem das locuções interjectivas, definem-nas “fórmulas abreviadas, empregadas particularmente pelo vulgo [...]”. A esta classe pertence a maior parte das fórmulas familiares optativas e deprecativas, e ainda as de invocação de bênçãos, as precativas” (Silva Jr & Andrade, 1887, p. 117) e as colocam na classe das convencionais. Acrescentam ainda a importância das modulações da voz para o sentido das interjeições. Para Leite (2016, p. 218), este é o estudo mais completo sobre “interjeições convencionaes” em gramáticas portuguesas que conhece.

Das gramáticas em estudo, a de Silva Jr. & Andrade é a que contém mais ocorrências de “interj-”: são trinta e uma no total, como se pode observar no Quadro 4, seguida pelas de Ribeiro com vinte e cinco e Grivet com vinte e quatro.

Para Condurú (1888, p. 5), a *Grammatica Portugueza* divide-se em quatro partes: *Etymologia*, *Prosodia*, *Orthographia* e *Syntaxe*. No *Capitulo I. Da etymologia*., inclui a interjeição na divisão das palavras em sete classes, embora na nota (1)^[1] explique que o advérbio e a interjeição não são partes elementares, mas sim constitutivas da proposição (Condurú, 1888, p. 7): “Classificar as palavras que existem no uso vivo da lingua, e omittir as que teem propriedades especiaes só porque representam idéas compostas ou complexas, não nos parece razoavel”. Na seção XV. *Da interjeição* define a interjeição “uma

expressão abreviada de nossas diversas affectções, como: Eia! Oxalá!” (1888, p. 69) e classifica as mais usuais, lembrando que “a interjeição equivale sempre a uma oração” (*Ibidem*, p. 70). No *Capítulo II. Da prosodia*, no ponto *I. Do som.*, acena que a letra *h* “só nas interjeições [...] denota aspiração, como em *ah!* [...]” (*Ibidem*, p. 71). No *Capítulo IV. Da syntaxe*, em *IV. Da syntaxe de regencia*, acena à função vocativa expressa pela interjeição *ó*. Há oito ocorrências totais de “interj-” na obra assim distribuídas: seis no *Capítulo I. Da Etymologia.*, uma no *Capítulo II. Da prosodia.* e uma no *Capítulo IV. Da syntaxe.*

Por fim, Bandeira (1929, p. 11) divide a *Grammatica portugueza* em duas partes: *morphologia* e *syntaxe*. A *morphologia* (ou lexicologia) por sua vez subdivide-se em: *phonologia*, *taxinomia*, *campenomia* e *etymologia*. No *Livro I Morphologia* em *Taxionomia*, inclui a interjeição na classificação das palavras (Bandeira, 1929, p. 27) e no grupo das invariáveis (1929, p. 28). Define a interjeição “palavra invariável que exprime um sentimento subito da alma. A interjeição é como um grito; ex.: *ah! oh! ui! irra! etc.*” (*Ibidem*, p. 38) e introduz o conceito de locução interjectiva como “a reunião de duas ou mais palavras equivalentes a uma interjeição; ex.: *valha-nos Deus! aqui d’el-rei! etc.*” (*Ibidem*, p. 38). No *Livro II Syntaxe*, em *Notações syntacticas* (*Syntaxe das partes da oração Capítulo III*) explica o emprego do ponto exclamativo depois das interjeições (Bandeira, 1929, p. 179) e dentro de *Modelos de analyse*, na seção *Analyse lexicologica*, classifica *Oh!* como interjeição. Há no total nove ocorrências de “interj-”: sete no *Livro I Morphologia* e duas no *Livro II Syntaxe*.

4. Definições de interjeição

Nas onze gramáticas em estudo, encontramos as seguintes definições de interjeição:

1. Interjeição é uma voz indeclinavel, que exprime por si só varios affectos e paixões de nossa alma (Coruja, 1835, p. 44).
2. Interjeição é a palavra que exprime os transportes vivos e repentinos de nossa alma; valendo por isso ella só por uma oração; como: *Ah! oh! hui! irra! &*” (Villeroy, 1870, p. 8).
3. *Interjeição*, é uma parte invariavel da oração, curta e viva, com que se exprimem os sentimentos d’alma, e que equivale a uma proposição implicita. Vem do verbo latino, *interjicere*, que quer dizer, *metter de permeio*, e se entremette na phrase, como se vê em, ‘*Quanto, ah! quanto é bella!*’ (Reis, 1871, pp. 166-167).
A *interjeição*, pois, que é como um reflexo de nossas impressões momentaneas, transmittido pela voz, é uma especie de embryão de proposição, ou de enunciado de juizo não desenvolvido. Assim nenhuma ha que se não possa resolver em proposição, como se vê nos seguintes exemplos: ‘*Olá, é o mesmo que, vem cá, ou estou te chamando*’ [...].
Como éstas, se podem resolver todas as outras, prestando-se attenção á intenção com que são proferidas quando isoladas, ou ao sentido antecedente e consequente quando vêm intercaladas no discurso (1871, pp. 167-168).
4. A interjeição é a palavra invariavel, com que exprimimos rapidamente os diversos sentimentos [...]. Toda a interjeição equivale a uma oração, por exemplo: *Old.* [sic] quer dizer *vem cá; sio, conserva-te em silencio.* (Rabello, 1872, pp. 128-129).
5. *Interjeição* é uma palavra, que significa os movimentos subitos d’alma (Frei Caneca, 1876, p. 27; p. 49);
Um as interjeições exprimem um só affecto, outras varios ao mesmo tempo, e outras pelo uso somente se conhecem as suas significações, segundo a occasião e o tom particular com que são proferidas (1876, p. 49).
6. As *Interjeições* são umas palavras pela maior parte de uma syllaba, que per si sós exprimem os sentimentos de que nosso espirito está occupado.
Como as *Interjeições* per si sós exprimem sentimentos, segue-se que ellas equivalem a uma oração, e mesmo a um discurso, em que os expozessemos miudamente.
O affecto ou sentimento, exprimido por cada *Interjeição*, da-se a conhecer pelo modo de quem a emprega, e pelas circumstancias em que é proferida; porque uma mesma Interjeição pôde exprimir sentimentos differentes, e até mesmo contrários, v. g. *Ai!* exprime *dor*, e *afflicção*, e tambem *alegria* e *prazer* ; *Ha!* exprime satisfação, e tambem *indignação* ; como; *Ha feliz de ti! Ha raça maldicta* (Duarte, 1877, p. 101).
7. Interjeição é uma palavra invariavel que implicitamente abrange todos os elementos de uma

- proposição ou pensamento (Grivet, 1881, p. 208).
8. A interjeição, grito involuntário, instintivo, animal, não representa idéia, e não constitue parte do discurso, é mais som do que palavra (Ribeiro, 1885, p. 62);
Interjeição é um som articulado que exprime um affecto subito, ou que imita um som inarticulado (1885, p. 81);
 A interjeição, verdadeiro grito animal, mais clamor instintivo do que signal de idéa (178), não está sujeita ás lei do pensamento, não se governa pela grammatica, não tem derivação (1885, p. 208);
 A *interjeição*, como brado instintivo que é, não se subordina a regras de syntaxe. Nada ha aqui a dizer sobre ella (1885, p. 315).
 9. A interjeição propriamente dita – primitiva, originaria – é um grito espontâneo e instintivo, um som animal. Não constitue technicamente parte da oração; é uma voz intercalada na phrase, *atirada* ^[82] na proposição para exprimir um subito sentimento, uma emoção do espirito. E' um grito do instinto; o echo dos sentimentos naturaes. Verdadeiro grito da natureza, as conjunções [sic] primitivas são monosyllabicas; e parecem-se em todas as linguas, comquanto modificadas na intonação (Silva Jr. & Andrade, 1887, p. 115).
 10. *Interjeição* é uma expressão abreviada de nossas diversas affecções, como: Eia! Oxalá! (Condurú, 1888, p. 69);
 A interjeição equivale sempre a uma oração (1888, p. 70).
 11. Interjeição é a palavra invariavel que exprime um sentimento subito da alma. A interjeição é como um grito; ex.: *ah! oh! ui! irra!* etc. ” (Bandeira, 1929, p. 38).

Como se pode observar nos exemplos acima, as definições de interjeição compartilham alguns critérios em sua composição:

a) com base no critério morfológico, a interjeição pertence à classe das palavras invariáveis: “voz indeclinavel”, “parte invariável” ou “palavra invariável” estão presentes nas definições de Coruja, Reis, Rabello, Grivet e Bandeira. Embora não apareça em suas definições, Villeroy e Silva Jr. & Andrade enquadram a interjeição no grupo das invariáveis em suas gramáticas. Já Caneca, Duarte, Ribeiro e Condurú não mencionam essa característica nas obras. Em relação ao tamanho, é palavra breve: “curta e viva” (Reis), “maior parte de uma syllaba” (Duarte), “monosyllabicas” (Silva Jr. & Andrade), “expressão abreviada” (Condurú);

b) com base no critério semântico/psicológico (“A propriedade em questão está em relação com a representação das faculdades do espírito”, (Leite, 2016, p. 210)), há a predominância desse, em todas as definições, de palavras que exprimem sentimentos, emoções: “vários affectos e paixões da nossa alma”, ou as suas variantes, “transportes”, “sentimentos d’alma”, “impressões momentaneas”, “movimentos subitos d’alma”. Segundo Leite (2016, p. 211), esta é uma definição importada da gramática latina (*affectus animi*), presente na gramática de João de Barros (1540), e “repetida na maioria das gramáticas portuguesas”. Também o critério semântico/ontológico (“a propriedade em questão está em relação com a representação da estrutura do mundo e mais geralmente dos objetos de pensamento”, Leite, (2016, p. 210) é contemplado: “imita um som inarticulado”, “verdadeiro grito animal” (Ribeiro), “grito espontâneo e instintivo, um som animal” (Silva Jr. & Andrade).

c) com base no critério funcional/lógico-sintático, a noção de vale por ou equivale a uma “oração” ou “uma proposição implícita” é explicitada nas definições de Villeroy, Reis, Duarte, Grivet e Condurú, que no dizer de Salvi (2016, p. 116) se traduziria em “[I]e interiezioni sono infatti delle parole olofrastiche, cioè delle parole che costituiscono da sole una frasi indipendente”. Embora não apareça na definição de Silva Jr. & Andrade, estes mencionam essa noção quando tratam da transformação da interjeição de “grito natural e espontaneo” em “palavras *convencionaes*, *intencionaes*, *refletidas*, representando forma abreviada de uma phrase, a synthese de uma proposição. Ex.: *Coragem!* = tende coragem [...]” (2016, p. 115). Consales (2018, p. 240), em seu estudo sobre as interjeições na gramaticografia italiana, aponta que essa “capacità di realizzare il significato di un’intera frase” começa a ser evidenciada como característica das interjeições somente entre o final do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX em autores que se inspiraram nas reflexões teóricas da escola de Port-Royal. Esta noção não consta em Coruja, Caneca, Ribeiro e Bandeira.

d) com base nos critérios metalinguístico/comunicacional-pragmático (“A referência ao enunciado concerne à situação de interlocução”, (Leite, 2016, p. 210)) e fonético/prosódico combinados, observamos que alguns gramáticos ressaltam em suas definições a importância de levarmos em conta alguns aspectos para melhor compreendermos o sentido das interjeições: “prestando-se atenção á intenção com que são proferidas [...], ou ao sentido antecedente e consequente quando vêm intercaladas no discurso” (Reis), “segundo a ocasião e o tom particular com que são proferidas” (Caneca), “pelo modo de quem a emprega, e pelas circunstancias em que é proferida” (Duarte).

Esses mesmos critérios são apontados por Leite (2016, pp. 213-214, grifos da autora) em duas gramáticas portuguesas do século XVIII:

[as interjeições citadas como exemplos] e outras mais, que **o uso ensinará**, as quaes, **sómente se conhece, o que significam segundo a ocasião, e o tom, com que se proferem, e pronunciam** (Figueiredo, 1799, p. 11).

He porém certo que por huma mesma interjeição se explicão varios affectos, e por tanto a qual deles cada huma pertence, **sómente o tom, com que se profere, ou as palavras, a que se ajunta, a podem particularizar** (Fonseca, 1799, p. 208).

Quanto à importância do critério fonético, Leite (2016, p. 214) afirma que “a prosódia não individualiza outra classe, a não ser a da interjeição”. Encontramos referência à modulação da voz nas gramáticas de Grivet e de Silva Jr. & Andrade (grifos nossos) para a compreensão do sentido:

As mais usadas são AH ! e OH ! que, **conforme a modulação com que sabem expressas, enuncião sentimentos varios e até oppostos** (Grivet, 1881, p. 209).

Vê-se pois do que acabamos de dizer que **o sentido das interjeições depende das modulações da voz** (Silva Jr. & Andrade, 1887, p. 117).

Quanto à multifuncionalidade dos itens, Villeroy (1870, pp. 56-57), em nota à divisão das interjeições, afirma: “Qualquer palavra, á excepção do art. e do pronome, pode ser empregada como interjeição, conforme se acaba de ver”. Também Silva Jr. & Andrade (1887, pp. 116-117) acenam a essa, ao listarem as palavras que podem funcionar como interjeições *convencionaes*: termos descritivos de emoção, nomes próprios ou comuns, verbos no imperativo, nomes usados imperativamente e formas abreviadas (locuções interjectivas), mas sempre dependente da modulação da voz.

Os outros gramáticos - Coruja, Villeroy, Rabello, Ribeiro, Condurú e Bandeira - não atentam para os aspectos comunicacionais-pragmáticos e prosódicos da interjeição em suas obras.

e) com base nos critérios metalinguístico/metagramatical-etimológico (“A propriedade corresponde à etimologia proposta para o nome da classe de palavra” (Leite, 2016, p. 210)) e sintático combinados, temos a definição de Reis: “Vem do verbo latino, *interjicere*, que quer dizer, *metter de permeio*, e se entremette na phrase”.

5. Classificações das interjeições

Um levantamento das interjeições nas gramáticas estudadas compreende uma classificação de oito a dezessete campos semânticos que correspondem às emoções ou “movimentos da alma”.

Quadro 5: Classificação das interjeições por gramáticas²¹

Coruja (1835, p. 44)	Villero (1870, p. 56-57)
<p>As Interjeições são: De <i>dor</i>: A! Ai! Hui! Guai! De <i>aversão</i>: Apage, fora, irra! De <i>incitar</i>: Eia, olá! De <i>espanto</i>: Ahi! apre! De <i>suspender</i>: Tá.... De <i>desejo</i>: Oxalá! De <i>chamar</i>: O', Siu. De <i>prazer, pesar, admiração, sobresalto</i>: Ah! oh! De <i>riso</i>: Ha! ha!</p>	<p>A Interjeição, podendo exprimir tantos e tão diferentes transportes, divide-se em varias especies; as principais interjeições porêm são as seguintes: Para exprimir dor, aflicção, pesar, tristeza: Ai! Hui! Repugnancia, desprezo, desagrado, aversão: Apage! Fóra! Irra! Desejo: Oxalá! Quem dera! Estimulo, valor: Eia! Vamos! Animo! Sus! Avante! Alegria: Oh! Bem! Ainda bem! Muito bem! Felizmente! Applauso ou aprovação: Bravo! Bravissimo! Viva! Bem! Muito bem ou optimamente! Espanto, sobresalto, admiração: Ah! Oh! Holá! Que! Riso: Ha! ha! ha! Vigilancia: Alerta! Sentido! Cuidado! Para mandar calar, pedir ordem: Tá! Chiton! Caluda! Silencio! Ordem! Para pedir socorro: Ai! ai! ai! Para chamar: Holá! O'! Siu!</p>
Reis (1871, p. 167-168)	Rabello (1872, p. 128-129)
<p>Principaes inteijeições [sic]: (De dor): Ai, ai de mim, ai Jesus. (De prazer): Ah, oh, viva, bello. (De admiração): Oh! ah! ui! irra! (De susto): Jesus, ai. (De animação): Eia, ora, sus, animo, bravo, avante, vamos. (De indignação): Apre, fôra, fôra d'aqui, - arre (termo baixo). (De chamar): Ó, olá, ptsio. (De impor silencio): Chiton, ta, silencio. (De exprimir desejo): Oxalá, oh.</p>	<p>Temos as seguintes especies de interjeições: De admiração: Ah, oh, etc. De chamamento: O' sio, etc. De dôr: Ai, ui ou hui, etc. De desejo: Oxalá, oh, etc. De excitamento: Olá, eia, sus, o'ra sus, etc. De silencio: Tá, chiton, etc. De aversão: Irra, apage, etc. De despertar: Alerta, etc.</p>
Frei Caneca (1876, p. 49)	Duarte (1877, p. 101)

21 No Quadro 5, foram reproduzidas não só a ortografia, a acentuação e a pontuação, mas também o espaçamento e os grifos presentes nos textos originais.

<p>As interjeições dividem-se em dezesseis classes, que são:</p> <p><i>Interjeição de riso</i>, v. g : <i>a, a, a.</i></p> <p><i>Dita de sobresalto</i>, v. g : <i>ai, ai.</i></p> <p><i>Dita de silencio</i>, v. g : <i>chist, sio, ia, chiton.</i></p> <p><i>Dita de exhortar</i>, v. g : <i>eia, eia.</i></p> <p><i>Dita de aversão</i>, v. g : <i>irra, apre.</i></p> <p><i>Dita de chamar</i>, v. g : <i>ó, ó lá, eia.</i></p> <p><i>Dita de desejo</i>, v. g : <i>oxalá, ó.</i></p> <p><i>Dita de dor</i>, v. g : <i>ui, ai, guai, an.</i></p> <p><i>Dita de parar</i>, v. g : <i>ta, ta.</i></p> <p><i>Dita de animar</i>, v. g : <i>sus, ora sus.</i></p> <p><i>Ditas de admirar e de espanto</i>, v. g : <i>á, ó, ui.</i></p> <p><i>Dita de atenção</i>, v. g : <i>ó, siu.</i></p> <p><i>Dita de mostrar</i>, v. g : <i>eis.</i></p> <p><i>Dita de despertar</i>, v. g : <i>alerta.</i></p> <p><i>Dita de repulsar</i>, v. g : <i>fora, apage.</i></p>	<p>Notado isto, aí vão as <i>Interjeições</i> com os affectos que exprimem.</p> <p>De reparo com admiração. <i>Hum!</i></p> <p>De prazer e satisfação, e também de Indignação. <i>Ha!</i></p> <p>De saudade, mágua, e afflicção. <i>Oh!</i></p> <p>De quem chora, e se lastima, e também de prazer. <i>Ai!</i></p> <p>De quem se sobressalta, e admira. <i>Ahi!</i></p> <p>De quem pede socorro. <i>A'qui (d'elrei)</i></p> <p>De quem faz silencio. <i>Chi! Si!</i></p> <p>De quem exhorta e affaga. <i>Eia!</i></p> <p>De quem ri. <i>Ha! Ha! Ha!</i></p> <p>De quem approva e dá parabem. <i>Ha! Ha!</i></p> <p>De aversão. <i>Irra!</i></p> <p>De zombaria, e também de dôr, e espanto. <i>Hui!</i></p> <p>Para chamar simplesmente por alguém. <i>O'</i></p> <p>Para chamar com reparo, e estranhamento. <i>Olá!</i></p> <p>Para exprimir um desejo ancioso. <i>Oxalá!</i></p> <p>De quem anima. <i>Sus!</i></p> <p>Para fazer parar. <i>Tá!</i></p>
Grivet (1881, p. 209)	Ribeiro (1885, p. 81-82)
<p>As mais usadas são AH! e OH! que, conforme a modulação com que sabem expressas, enunciação sentimentos varios e até oppostos. O numero das demais é relativamente diminuto; e, com excepção de OXALÁ (do arabe: «Praza a Deos»), poucas são as que passão do estylo familiar.</p> <p><i>Apage!</i> — <i>Apre!</i> — <i>Arre!</i> — <i>Bofé!</i> — <i>Caluda!</i> — <i>Chiton!</i></p> <p>— <i>Eia!</i> — <i>Hi!</i> <i>hi!</i> <i>hi!</i> — <i>Hui!</i> — <i>Hum!</i> — <i>Irra!</i> — <i>Olá!</i></p> <p>— <i>Olé!</i> — <i>Rou-rou!</i> — <i>Siu!</i> — <i>Sus!</i> — <i>Tá!</i> etc.</p>	<p>As inteijeições [sic] exprimem</p> <p>1) a dôr — <i>ai! ui!</i></p> <p>2) o prazer — <i>ah! oh!</i></p> <p>3) o allivio — <i>ah! eh!</i></p> <p>4) o desejo — <i>oh! oxalá!</i></p> <p>5) a animação — <i>aia! sus!</i></p> <p>6) o applauso — <i>bem! bravo!</i></p> <p>7) imposição de silencio — <i>chiton! psio! caluda!</i></p> <p>8) a aversão — <i>ih! chi!</i></p> <p>9) o appello — <i>ó! olá! psit! psiu!</i></p> <p>10) a impaciencia — <i>irra! apre!</i></p>
Silva Jr. & Andrade (1887, p. 118)	Condurú (1888, p. 69)
<p>Sob o ponto de vista do SENTIDO, as interterjeições classificam-se em:</p> <p>a) de admiração, espanto — <i>ah! oh! Jesus!</i></p> <p>b) dôr, magoa, — <i>ai! hui!</i></p> <p>c) exhortação, acoroçoamento — <i>eia! avante! bravo!</i> ^[83]</p> <p>d) prazer, alegria — <i>oh! olá! caspite!</i></p> <p>e) desejo, saudade — <i>oxalá, praza a Deus.</i></p> <p>f) chamamento, invocação — <i>ó, olá, psiu!</i></p> <p>g) aversão, colera — <i>fôra! irra! arre! apage!</i></p> <p>h) zombaria — <i>fôra! hi! hu hu! ha ha!</i></p> <p>i) de calamento ou silenciadora — <i>chiton! psiu! caluda! silencio!</i> ^[84]</p>	<p>As interjeições mais usuas são as seguintes:</p> <p>De admiração <i>Ah! oh! ui!</i></p> <p>De excitar atenção <i>Ó! psio!</i></p> <p>De dôr <i>Ai! guai! hui!</i></p> <p>De espanto <i>Ápage! apre!</i></p> <p>De desejo <i>Oh! oxalá!</i></p> <p>De excitação <i>Olá! eia! sus!</i></p> <p>De aversão <i>Arre! irra!</i></p> <p>De derisão <i>Ah! ah!</i></p> <p>De indicar <i>Eis!</i></p> <p>De excitar <i>Alerta!</i></p>
Bandeira (1929, p. 38)	
<p>Interjeição é a palavra invariavel que exprime um sentimento subito da alma.</p> <p>A interjeição é como um grito; ex.: <i>ah! oh! ui!</i></p> <p><i>irra!</i> etc.</p>	

Fonte: elaboração própria a partir das gramáticas

Com exceção de Grivet (1881) e de Bandeira (1929) que acenam a uns poucos exemplos de interjeições, os outros gramáticos apresentam uma lista de interjeições precedidas da indicação de sua função semântica.

Quanto ao conceito de locução interjectiva, este aparece em cinco gramáticas:

Chama-se locução interjectiva a reunião de palavras fazendo o officio de uma interjeição; como: *Quem dera! Pois seja! Ainda bem!* (Villeroy, 1870, p. 57).

Quando a interjeição é composta, como, *ai de mim, ora sus*, chama-se, *locução interjectiva* (Reis, 1871, p. 168).

Quando a interjeição contem mais de uma palavra, chama-se locução interjectiva (Rabello, 1872, p. 129).

Porém, vindo as interjeições a constar de mais do uma palavra, póde-se-lhes chamar, em atenção á uniformidade da nomenclatura *analytica*, locuções interjectivas (Grivet, 1881, p. 210).

Chama-se *locução interjectiva* qualquer reunião de palavras empregada exclamativamente, ex.: *'Pobre de mim! — Que gosto!'* (Ribeiro, 1885, p. 82).

Locução interjectiva é a reunião de duas ou mais palavras equivalentes a uma interjeição; ex.: *valha-nos Deus! aqui d'el-rei!* etc. (Bandeira, 1929, p. 38).

Note-se que no Quadro 5, também foram incluídos alguns exemplos de locuções interjectivas: Villeroy (quem dera, ainda bem, muito bem), Reis (ai de mim, ai Jesus, fôra d'aqui), Rabello (o'ra sus), Caneca (ó lá, ora sus), Silva Jr. & Andrade (praza a Deus).

6. Considerações Finais

A interjeição é considerada classe de palavra (parte da oração ou parte do discurso) em dez das onze gramáticas analisadas, com algumas observações. Ribeiro (1885) é o único gramático a não considerá-la absolutamente como tal, apoiando-se na tradição dos mestres gregos, enquanto Duarte (1877) e Condurú (1888) a incluem nas classes de palavras, mas não sem antes dar uma explicação. Duarte especifica que a interjeição não é parte elementar porque equivale a uma oração e, às vezes, a muitas, mas entra no discurso. Também para Condurú, advérbio e interjeição não são partes elementares “- representativas de idéas simples”, mas sim partes constitutivas da proposição; isso, porém, não é razão para não incluí-las na classificação.

Normalmente a interjeição é apresentada no capítulo dedicado à etimologia ou lexicologia, que costuma ser o primeiro nas gramáticas, mas ocupa a última posição na lista de definição e descrição das classes.

Quanto à origem etimológica da palavra, Reis (1871, p. 167) menciona a origem latina do termo no corpo do texto: “Vem do verbo latino, *interjicere*, que quer dizer *metter de permeio* [...], enquanto Silva Jr. & Andrade (1887, p. 115) a mencionam em uma nota à palavra “atirada”: “*Lat interjectio*, de *interjicere* = jogar, atirar, etc”.

Na composição das definições de interjeição, observamos a predominância do ponto de vista semântico/psicológico em todas as gramáticas, com acenos à sua morfologia de palavra invariável e monossilábica, e ao seu status funcional de equivaler a uma oração, mas não fazer parte da sintaxe por não ter função argumental ou de adjunto. O critério fonético/prosódico revelou-se importante na questão das modulações da voz para a compreensão do sentido das interjeições.

Outros aspectos interessantes que emergiram da análise das gramáticas foram: a questão da multifuncionalidade do item em Villeroy (1870, p. 57) que aponta que qualquer palavra à exceção do artigo e do pronome “pode ser empregada como interjeição”; Grivet (1881) que estabelece uma diferença entre *sim* e *não* como advérbio e interjeição, especificando que são advérbios quando modificam diretamente verbo, particípio, adjetivo ou outro advérbio, e interjeições quando aparecem soltos na frase; Ribeiro que (1885) acena à existência de “interjeições onomatopaicas, isto é, que imitam ruídos” (1885, p. 82), e também à variação existente entre Portugal e Brasil em relação a “uma interjeição de dúvida muito usada em Portugal e quasi desconhecida no Brazil” (1885, p. 82); e por fim Silva Jr. & Andrade (1887) que classificam as interjeições quanto à origem ou natureza e estabelecem uma diferença entre interjeição (sensação) e onomatopeia (percepção). Para Leite (2016, p.

218), este é o estudo mais completo sobre “interjeições convencionaes” em gramáticas portuguesas que conhece.

Referências

- Anthony, L. (2019). *AntConc*, 3.5.8 (Windows). <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>.
- Auroux, S. (1988). Les critères de definition des parties du discours. *Languages*. 109-112.
- Bandeira, A. E. (1929). *Grammatica portugueza practica*. 18. ed. Francisco Alves, [1897]. http://ctlf.ens-lyon.fr/textes/3379_por_Bandeira_01_1929_T01.htm.
- Barbosa, J. S. (1822) *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. Academial Real das Sciencias.
- Caneca, F. J. do A. D. (1876). *Breve Compendio de Grammatica Portugueza organizado em forma systematica, com adaptação á capacidade dos alumnos*. Typographia Mercantil. http://ctlf.ens-lyon.fr/textes/3380_por_Caneca_01_1876_T01.htm
- Cavaliere, R. (2018). A noção de conectivo nas gramáticas brasileiras do século XIX. *Filol. Linguíst. Port.*, 20, (1), 9-30. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v20ip9-30>
- Condurú, F. B. de O. (1888). *Grammatica elementar da lingua portugueza; aprovada pelo inspector da instrução pública para uso das escolas de primeiras letras desta provincia e pelo conselho de instrução publica para uso do lyceu, collegios e aulas de instrucción primaria*. 13. ed. Typ. Do Paiz, [1850]. http://ctlf.ens-lyon.fr/textes/3375_por_Conduru_01_1888_T01.htm
- Consales, I. (2018). Le voci degli affetti e dei moti dell'animo. Le interiezioni nella grammaticografia italiana. *Studi Italiani di Linguistica Teorica e Applicata*, anno XLVII, (2), 233-248. https://www.academia.edu/44134982/_Studi_Italiani_di_Linguistica_Teorica_e_Applicata_SILTA_anno_XLVII_2018_numero_2.
- Coruja, A. A. P. (1835). *Compendio da grammatica da lingua nacional: dedicado á mocidade rio-grandense por seu patricio Antonio Alvares Pereira Coruja*. 1. ed. Typographia de V. F. de Andrade. http://ctlf.ens-lyon.fr/textes/3374_por_Coruja_01_1835_T01.htm .
- De Cesare, A-M. (2019). *Le parti invariabili del discorso*. 1. ed. Carocci.
- Dias, J. P. (2019). O ensino da língua nacional no século XIX e a constituição da gramatização brasileira: a produção de Antonio Alvares Pereira Coruja. *Gragoatá*, 24, (48), 75-94. <https://doi.org/10.22409/gragoata.v24i48.33620>
- Duarte, A. da C. (1829). *Compendio de grammatica portugueza: para uso das Escolas de Primeiras Letras, ordenado segundo a doutrina dos melhores grammaticos*. 1. ed. Typographia Nacional. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7590>.
- Duarte, A. da C. (1877). *Compendio da grammatica philosophica da lingua portugueza Escolhida pela Congregação do Lycêo do Maranhão para o uso do mesmo Lycêo, e das aulas de primeiras letras da provincia*. 6. ed. Edictor Antonio Pereira Ramos D'Almeida. http://ctlf.ens-lyon.fr/textes/3373_por_Duarte_01_1877_T01.htm.
- Figueiredo, P. J. (1799). *Arte da Grammatica portugueza, ordenada em methodo breve, facil, e claro*. Regia Officina Typographica.
- Fonseca, P. J. (1799). *Rudimentos da Grammatica portugueza, commodos á instrução da mocidade, e confirmados com selectos exemplos de bons auctores*. Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- Grivet, C. A. O. (1865). *Grammatica analytica da lingua portugueza*. 1. ed.
- Grivet, C. A. O. (1881). *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*. 1. ed. Typ. G. Leuzinger & Filhos. http://ctlf.ens-lyon.fr/textes/3382_por_Grivet_01_1881_T01.htm e <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7507>.
- Leite, M. Q. (2016). Partes do discurso/Classes de palavras: um estudo das ideias sobre a interjeição em gramáticas portuguesas. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. 11, 199-225. <http://aleph.letras.up.pt/index.php/EL/article/view/2171>
- Leite, M. Q. & Pelfrêne, A. (Orgs.). (2018a) *Compendio da Grammatica Philosophica da Lingua Portugue-*

- za: Padre Antonio da Costa Duarte (6ª edição – 1877). (Coleção Gramáticas do Brasil: série I). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/218/198/1020>.
- Leite, M. Q. & Pelfrène, A. (2018b). REI (13) – Les grammaires brésiliennes. CTLF – Articles. Colloque ‘Refonte et extension internationale du CTLF: Corpus de textes linguistiques fondamentaux’, Université Paris Diderot, UMR 7597. Histoire des théories linguistiques, Programme Action structurante 2015-2018, 31 mai et 1er juin. Mise en ligne le 01/10/2018. http://ctlf.ens-lyon.fr/a_accueil.htm.
- Leite, M. Q. & Pelfrène, A. (Orgs.). (2019a). *Grammatica portugueza accommodada aos principios geraes de palavra seguidos de immediata applicação pratica: Francisco Sotero dos Reis*. (Coleção Gramáticas do Brasil: série I). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/425/378/1503>.
- Leite, M. Q. & Pelfrène, A. (Orgs.). (2019b). *Breve Compendio de Grammatica Portugueza: organizado em forma systematica, com adaptação a capacidade dos alumnos Frei Joaquim do Amor Divino Caneca (1ª edição – 1876)*. (Coleção Gramáticas do Brasil: série I). Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/304/264/1149>.
- Nogueira, S. M. (2009). Estudos Historiográficos e o Ensino de Língua Portuguesa. CNLF, XIII, (4), s/p.
- Polachini, B. S. (2018). *Uma história serial e conceitual da gramática brasileira oitocentista de língua portuguesa*. [Tese de Doutorado]. Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://doi.org/10.11606/T8.2018.tde-06072018-120101>
- Rabello, L. J. da S. (1872). *Compendio de Grammatica da Lingua Portugueza: obra adoptada pelo governo imperial para uso das escolas regimentaes do exercito e para o ensino dos aprendizes artilheiros*. 2. ed. mais correcta. Typografia Esperança de Gaspar João José Vellozo, [1867]. http://ctlf.ens-lyon.fr/textes/3378_por_Rabello_01_1872_T01.htm e <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4393>.
- Reis, F. S. dos. (1871). *Grammatica portugueza accommodada aos principios geraes de palavra seguidos de immediata applicação pratica*. (revista, corrigida e anotada). 2. ed. Refundida e muito augmentada. Typ. de R. d’Almeida & C., [1866]. http://ctlf.ens-lyon.fr/textes/3377_por_Reis_01_1871_T01.htm.
- Ribeiro, J. C. V. (1881). *Grammatica portugueza*. 1. ed. Typ. de Jorge Seckler. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2097>.
- Ribeiro, J. C. V. (1885). *Grammatica portugueza*. 2. ed. “ref. e muito aumentada”, Teixeira & Irmão. http://ctlf.ens-lyon.fr/textes/3383_por_Ribeiro_01_1885_T01.htm.
- Salvi, G. (2016). *Le parti del discorso*. 2. ristampa, Carocci.
- Silva Jr., M. P. da & Andrade, B. P. L. de. (1887). *Noções de grammica portugueza de accordo com o programma official para os exames geraes de preparatorios do corrente anno*. 1. ed. J. G. de Azevedo. http://ctlf.ens-lyon.fr/textes/3386_por_Silva_01_1887_T01.htm.
- Villeroy, F. E. E. de. (1870). *Compendio da grammica portugueza adoptado para uso das escolas da provincia do Rio Grande do Sul pelo respectivo Conselho Director da Instrucção Publica*. Typ. Do Rio-Grandense. http://ctlf.ens-lyon.fr/textes/3376_por_Villeroy_01_1870_T01.htm e <https://archive.org/details/compendiodagramm00estr/page/n3/mode/2up>.

Notas

Contribuição de autoria

Concepção e elaboração do manuscrito: C.V. de S. Faria

Coleta de dados: C.V. de S. Faria

Análise de dados: C.V. de S. Faria

Discussão dos resultados: C.V. de S. Faria

Revisão e aprovação: C.V. de S. Faria

Conjunto de dados de pesquisa

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Declaração de disponibilidade dos dados da pesquisa

Os dados desta pesquisa, que não estão expressos neste trabalho, poderão ser disponibilizados pelo(s) autor(es) mediante solicitação.

Licença de uso

Os autores cedem à Cadernos de Tradução os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (por exemplo: publicar em repositório institucional, em website pessoal, em redes sociais acadêmicas, publicar uma tradução, ou, ainda, republicar o trabalho como um capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

Publisher

Cadernos de Tradução é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina. A revista Cadernos de Tradução é hospedada pelo [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Editores

Andreia Ragusa

Alice Girotto

Editores de seção

Andréia Guerini - Ingrid Bignardi

Revisão de normas técnicas

Ingrid Bignardi

Histórico

Recebido em: 02-07-2024

Aprovado em: 16-08-2024

Revisado em: 11-09-2024

Publicado em: Setembro de 2024

